

Uma igreja em marcha

Relato etnográfico da participação da ICM na 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Aramis Luis Silva



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3314>

DOI: 10.4000/pontourbe.3314

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Aramis Luis Silva, « Uma igreja em marcha », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 dezembro 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3314> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3314

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Uma igreja em marcha

Relato etnográfico da participação da ICM na 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Aramis Luis Silva

- 1 Em meio a 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, realizada no dia 29 de julho de 2016, membros da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) se posicionaram em frente ao trio elétrico da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da Prefeitura de São Paulo. Um lugar não aleatório para uma organização religiosa cristã que se autorepresenta e pretende ser reconhecida, nacional e internacionalmente, como a igreja dos direitos humanos. Tratando-se de um punhado de gente organizada entre faixas e bandeiras que expressavam engajamento com a causa LGBT, o grupo da ICM aguardava o início da movimentação dos 17 trios elétricos que compuseram a vigésima edição da marcha, que neste ano desfilou animada pelo slogan “Lei de identidade de gênero, já! - Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!”. Comemorando em 2016 uma década de existência em São Paulo e no Brasil, a ICM fazia ali a sua 10ª participação no evento enquanto uma igreja oficialmente instituída.
- 2 No primeiro trio oficial da parada, prevista oficialmente para partir ao meio dia em direção à Praça Roosevelt, ponto final do evento, a drag queen Tchaka comandava a cena marcando posição em relação ao tema ao seu modo laico e caricato. Mas, bem afinada ao tema geral do evento e alçada a uma nova posição de visibilidade após a controvérsia gerada por sua performance na parada do ano anterior, Viviany Belebony, a transexual que encenou a polêmica crucificação de Cristo em um corpo trans, tratou de recolocar a categoria “religião” no centro das atenções novamente.
- 3 O caminho para tanto foi apostar de novo em símbolos religiosos como meio para se reposicionar no complexo, acalorado e, muitas vezes perigoso, como a mesma experimentou, debate nacional sobre diversidade sexual e identidade de gênero. Viviany, como infelizmente podemos lembrar, acabou voltando às manchetes dos jornais após a repercussão da sua primeira performance pública, mas, dessa última vez, como vítima de um espancamento punitivo, intolerante e transfóbico.
- 4 Nesta parada, de vestido e botas de um dourado metálico futurístico, ela quis incitar seus espectadores com sua retórica performática a refletirem sobre o conflituoso e indefinido

embate contemporâneo para o estabelecimento de limites entre “liberdade religiosa” e “liberdade de expressão”, duas categorias jurídicas cujos sentidos práticos encontram-se em visível disputa. Viviany, ao lado de múltiplos agentes ali presentes, se engajava, à e na cena pública, para se reposicionar nessa peleja, que é de uma só vez, prática e simbólica.

- 5 Um pano preto à boca serviu como metáfora para uma mordada. Às costas, uma haste interligava dois pratos simulando uma balança igualmente da cor de ouro. Em suas mãos, uma enorme bíblia estilizada. Na capa preta, uma cruz central branca sangrava, margeada, no alto, com o dizeres “BANCADA EVANGÉLICA”. Em baixo, “RETROCESSO”. Assim, Viviany transformava novamente seu corpo paramentado, em ação nesse ritual cívico, em plataforma para produzir materialmente seu discurso, que ela só conseguiria inscrevê-lo no debate público em função da repercussão da sua mensagem alcançada graças aos operadores de múltiplas mídias. Foi justamente para mais um deles que ela contou que seu objetivo desta vez era chamar a atenção para as práticas da conhecida “bancada evangélica” no Congresso Nacional, que agiria para atravancar e/ou inviabilizar Projetos de Lei em prol da população LGBT¹.
- 6 Mas, alheia ao fato, Viviany contava no asfalto com os membros da ICM como aliados imprevisos e pelo avesso. Ditos evangélicos inclusivos, isto é, uma classe de religiosos que defenderiam o direito à fé a grupos que seriam tradicionalmente excluídos das igrejas tradicionais por divergências de ordem moral, eles estavam do mesmo lado do front fazendo da reafirmação pública da sua religiosidade uma prova viva e animada da parcialidade e precariedade dos argumentos da bancada parlamentar conversadora. Tratava-se, enfim, de petardos lançados por uma combinação de identidades, aos olhos mais apressados, sui generis: religiosos, LGBTs e ativistas pelos direitos civis.

O povo da igreja

- 7 Entre os participantes desse grupo, que funcionava deliberadamente como contraprova pública e sociológica em favor do argumento da possibilidade de conciliação entre religião e homossexualidades, lá estava Cristiano Valério, psicólogo de formação, pastor da ICM de São Paulo e coordenador da rede ICM Brasil. Recém-chegado de Cuba, para onde viajara no mês de maio por conta de uma viagem missionária organizada pela matriz norte-americana, foi ele que novamente encabeçou a comitiva da ICM, que se distinguia na multidão, além das bandeiras e faixas com motivos e dizeres religiosos, pelas discretas camisetas pretas.
- 8 Ao lado de Cristiano, o reverendo Cris, ou o reví, como é tratado pelos membros da igreja que comanda n.º 231 da Rua Sebastião Pereira, no bairro da Santa Cecília, marcaram presença Susane Araújo Borges, intérprete de Libras vinculada ao Governo do Estado de São Paulo e uma das coordenadoras do Ministério de Surdos da ICM-SP, e sua esposa e também diaconisa Noemi Miranda, professora da Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Na hierárquica eclesíastica, o diaconato é o posto intermediário entre os membros oficialmente ingressos na igreja e o pastor, função responsáveis para prestar suporte às atividades litúrgicas e ministeriais da Igreja.
- 9 Junto ao trio, completando o grupo dos primeiros membros da ICM a chegar ao evento, mais três diáconos: o intérprete de Libras Marcelo Sales, morador de Jandira, e seu esposo Welfrides Cobre, também membros do Ministério de Surdos, e Getúlio Olliver, administrador de empresas, morador de São Bernardo do Campo. Da fileira dos membros

da igreja, que reúne nos cultos dominicais entre 30 a 50 pessoas, estavam Vanderlei Gomes, autônomo e morador de Mairiporã, e Pedro Silva, um enfermeiro aposentado, atualmente residente em Itaquera.



Figura 1

Fonte: ALS

- 10 Vindo de Poá, cidade a leste da região metropolitana, se juntaram um pouco mais tarde ao grupo da igreja a família e os amigos de Ricardo e Leandro José de Faria e Vieira, donos de um bufê. Com união civil reconhecida legalmente e casados religiosamente na igreja, eles adotaram há quase dois anos Gabriel, 4 anos, e Fernanda, 10 anos, formando uma espécie de família-ícone da ICM, que agora desfilaria nessa galeria festiva e afirmativa. Poucos meses mais tarde, inclusive, registros fotográficos da família na parada seriam cedidos para o Portal G1, que publicaria fotos em uma reportagem veiculada sobre o casal e seus filhos².



Figura 2

Fonte: ALS

- 11 As drags da ICM também chegaram horas mais tarde. Valdirene Pontocom, Bárbara Theodora Oldenburg Von Hanôver e Thamara Tâmara, compondo uma versão mais curta do tradicional “esquadrão montado” da igreja, gastaram quase todo o tempo possível da diária em um flat da região da Avenida Paulista para se preparar para o evento.
- 12 O modelito à espanhola comum ao trio, de cetim vermelho e bolas pretas em detalhes, foi confeccionado por uma costureira de confiança de Bárbara, ou o Rickye, apelido de Ricardo Medeiros Cypriano. Quando é Rickye, é um sujeito gentil de modos delicados, que por vezes combina uma barba com madeixas cumpridas e sedosas, apaixonado e conhecedor das casas reais europeias. Bárbara é mais presente nas redes sociais e também é mais conhecida pelos integrantes das ICM das outras cidades, que a encontra nos retiros anuais da igreja. Mas, alcançados ao diaconato neste ano, Rickye e Bárbara se revezam harmoniosamente no altar da igreja, ora com o rosto nu que se imagina Rickye, ora com o rosto coberto pelo véu de devota católica que Bárbara tanto adora.
- 13 Valdirene Pontocom, Val, assim como a chamam no dia a dia quem a identifica com o feminino, ou Edie, para quem o identifica com o masculino, é espécie de líder informal do grupo de drags, particularmente por conta do gênio autêntico e a língua rápida e irreverente. Batizado no cartório como Edivaldo Batista da Silva, a pessoa tem inclusive espaço cativo nas festas da igreja enquanto chefe-de-cerimônia e nos cultos de domingo e quinta, quando, religiosamente, é chamada ou chamado para dar os informes relacionados às agendas da congregação. Nessas ocasiões, é comum o deboche mordaz e perspicaz de temas variados, particularmente relacionados à sua ex-profissão de atendente de telemarketing. Recém-formado em hotelaria, conseguiu há pouco uma contratação no ramo.
- 14 Completando o trio, Thamara Tâmara, criação de Edmar Lessa, enfermeiro de um dos mais prestigiados hospitais de São Paulo e veterano da igreja nas paradas, veio neste ano acompanhada de um quarto elemento que sofisticou a performance das drags da ICM: um

espanhol, personagem encarnado e trajado por Sivaldo Lira, marido de Edmar, também profissional da saúde atuante no mesmo hospital.

- 15 Nesta edição, por questões alheias a essa etnografia, o trio de drags flamencas e seu acompanhante espanhol preferiram não esperar pelos demais membros da denominação religiosa para todos seguir juntos. Antes da partida da marcha, que neste ano atrasou por conta de uma gravação de um enlatado norte-americano (Sense8, dirigido por Lilly e Lana Wachowski), o quarteto se dirigiu até o ponto onde tradicionalmente para e fica assistindo a marcha passar: a esquina da Paulista com a Bela Cintra. Segundo o pastor Cristiano, os saltos altos as detêm na parte alta do percurso.



Figura 3
Fonte: ALS



Figura 4
Fonte: ALS

Estratégia de visibilidade

- 16 Numa demonstração das possíveis alianças que podem ser afirmadas e visibilizadas em nome da convergência de pautas e dos modus operandi para concretizá-las, a ICM engrossou seu pequeno pelotão direcionado a colocar Jesus em marcha pela causa LGBT unindo-se ao grupo de cristãos (evangélicos e católicos) do Movimento Jesus Cura a Homofobia, comandado pelo pastor José Barbosa Junior, liderança religiosa ligado à Teologia da Missão Integral que já marcou presença na igreja em algumas datas comemorativas. Misturando as bandeiras da ICM, do movimento LGBT e do Brasil com as faixas e simples cartazes preparados por moças e rapazes ditos heterossexuais, homossexuais e transexuais desse núcleo, os membros dos dois grupos aguardaram lado a lado o início da movimentação dos trios elétricos.



Figura 5

Fonte: ALS

- 17 Os slogans e dizeres impressos nos vários suportes atraíram a curiosidade dos demais integrantes da marcha. “Jesus cura a homofobia”. “Transfobia? Não em meu nome. Não em nome de Deus”. “Jesus também usava saia”. Na família de Deus há espaço para todas as famílias”. “Jesus cura a LGBTfobia”...
- 18 Teve muito pescoço virado para poder ler sem ter de parar. Mas também teve quem parava para ler com mais atenção. Muitas vezes, expressões de curiosidade, dúvida e/ou precaução eram substituídas por sorrisos ou rendiam algum sinal com a mão sinalizando

aprovação. Outras vezes, as faixas e seus dizeres viravam cenário para selfs ou para fotografias em grupo para serem postadas em redes sociais, viralizando suas mensagens.



Figura 6
Fonte: ALS



Figura 7
Fonte: ALS

- 19 Quando finalmente os trios elétricos começaram a se movimentar, o grupo seguiu como uma coluna horizontal estreita que se distinguia da massa em marcha pela via da Avenida Paulista, sentido Paraíso-Consolação. Ao fundo, trabalhadores da organização empurrava a comitiva religiosa com uma corda, garantindo espaço e segurança para o avanço do trio elétrico da Secretaria Municipal de Direitos Humanos. Na calçada, do lado direito ou na

borda do canteiro e espremidos do outro lado da rua, a multidão assistia à passagem daquele grupo investido com um certo ar de respeitabilidade. Era festa, era coisa de gay, mas estavam todos ali em nome de Deus.



Figura 8

Fonte: ALS

- 20 No bolso traseiro da calça do pastor Cristino, ficaram guardadas as filipetas com o nome e endereço da igreja. Na bagagem de outros membros, folders com a Confissão de Fé Inclusiva da ICM:

Creio em Deus, Pai de todos, que deu a terra a todos os povos e a todos ama sem distinção. Creio em Jesus Cristo, que veio para nos dar coragem, para nos curar do pecado e libertar de toda a opressão. Creio no Espírito Santo, Deus vivo que está entre nós e age em todo o homem e em toda a mulher de boa vontade. Creio na Igreja, posta como um farol para todas as nações, e guiada pelo Espírito Santo a servir todos os povos. *Creio nos direitos humanos, na solidariedade entre os povos, na força da não-violência. Creio que todos os homens e mulheres são igualmente humanos. Creio que só existe um direito igual para todos os seres humanos, e que eu não sou livre enquanto uma pessoa permanecer escrava.* Creio na beleza, na simplicidade, no amor que abre os braços a todos, na paz sobre a terra. Creio, sempre e apesar de tudo, numa nova humanidade e que Deus criará um novo céu e uma nova terra, onde florescerão o amor, a paz e a justiça. Amém.

- 21 Todavia, uma orientação foi expressa: nenhum membro da igreja deveria distribuir material de divulgação pastoral e eclesial. Exceção no caso se eles fossem interpelados e demandados, como no caso de um repórter fotográfico de um portal eletrônico de notícias que, ao pedir informações dos fotografados, provavelmente para identificá-los nas legendas das fotos, recebeu o papelzinho como uma cola.
- 22 Segundo o pastor da igreja, o objetivo era evitar que qualquer ação de divulgação pudesse ser confundida com proselitismo, fazendo dessa não prática, ironicamente, um marcador oculto para distinguir a ICM das demais igrejas evangélicas ditas inclusivas ali presentes. Enquanto membros de outras denominações estariam pulverizados na marcha aproveitando a oportunidade para atrair novos fiéis homossexuais para os seus

específicos projetos de religiões íntimas e privadas, a ICM estaria interessada em exibir publicamente o seu modo de ser e viver igreja por meio do que eles descrevem como sendo “um evangelho combativo e militante”.

- 23 Orgulhosamente presente no evento desde 2006 e a primeira igreja a ter um estande próprio na Feira Cultural LGTB, evento que antecede a marcha, a ICM, ao longo da sua história, fez da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo muito mais que um mero instrumento de visibilidade. Ela a transformou em um campo de testes de suas teses orientadas a experimentar em público o que eles internamente chamam de “radical inclusão”.
- 24 Em 2007, por exemplo, essa igreja inclusiva, praticamente uma novidade no país, colocou pela primeira vez na avenida o seu grupo drags. Dando os seus primeiros passos em direção ao que mais tarde iriam formular como Teologia Queer, a ICM ia à rua não só para se afirmar como uma igreja homossexual, mas como um movimento religioso e político interessado em tencionar e subverter as normas convencionais de gênero e os padrões heteronormativos hegemônicos. A própria Nancy Wilson, a moderadora global da igreja, quando questionada em 2016, poucos meses antes de se aposentar do seu cargo, sobre os diferenciais da ICM do Brasil em relação as outras unidades da igreja espalhadas pelo mundo, destacou atuação diferenciada dos membros brasileiros para garantir o acolhimento das pessoas com identidades trans, assunto agora em pauta nesta última parada³.
- 25 Logo no ano seguinte, em 2008, foi a estreia nas ruas “das noivas da ICM”, uma performance, como foi anunciado pelo pastor Cristiano, que expressava publicamente o momento de empoderamento da igreja em relação à forma de nomeação pública do “casamento igualitário”, pauta do movimento LGBT conquistada judicialmente em 2012. O tal casamento, enfim, foi assumido pela igreja como uma bandeira prioritária, no marco das discussões que a instituição se envolveu durante o ano da promoção da 1ª Conferência Nacional LGBT.
- 26 “Até então, realizávamos cerimônias que a gente chamava de ‘benção de união’. Tínhamos medo de chamar de casamento. Algumas pessoas falavam que a gente podia até ser preso, porque aquilo era ilegal”, conta mais tarde pastor, quando faz um balanço dos 10 anos de ICM. “Mas em 2008, com o apoio dos Sindicatos dos Químicos e dos Enfermeiros, fizemos o nosso primeiro casamento coletivo e passamos a chamar essas uniões dessa forma: de casamento. Era a nossa forma de marcar posição”, afirma.
- 27 Segundo Cristiano, o casamento entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu. “A única diferença era que isso nunca havia sido admitido”, argumenta pastor, lembrando que, nesse momento, as noivas da ICM se puseram em marcha. A partir daquele ano em diante, elas estariam na Parada até o casamento igualitário se tornar uma realidade legal.



Figura 9
Fonte: ALS

- 28 Em 2016, a igreja voltou às ruas. Como concorda o pastor Cristiano, a ICM, assim como as demais igrejas inclusivas que continuam a proliferar pela cidade, ajudaram nos últimos anos a tornar conhecida a existência de homossexuais engajados em seus próprios projetos religiosos. “Antes, as pessoas ficavam muito mais curiosas quando liam faixas como ‘O senhor é meu pastor e ele me aceita como sou’. Ver igreja e a bandeira do arco-íris juntas era uma coisa forte demais”, pondera.
- 29 Contudo, a maior visibilidade conquistada atualmente não daria margem alguma para a igreja se desmobilizar, defende o líder religioso. Pelo contrário. Segundo, ele, a igreja deve sempre se questionar sobre quais são as novas pautas para se lutar, inclusive para além da problemática LGBT. O crescimento de sua ação pastoral junto aos surdos seria um bom exemplo desse movimento.
- 30 Mas nesta parada, a igreja que ainda cultiva orgulhosamente seu esquadrão de drags, inclusive no altar, veio para abraçar publicamente a causa “Lei de identidade de gênero, já! - Todas as pessoas juntas contra a Transfobia!”. Mas com a marcha, infelizmente, a ICM seguiu até a esquina da Avenida Paulista com a Rua Augusta, por onde desceu fazendo de atalho em direção ao Centro. Por conta do atraso do início da parada, a igreja não pôde seguir com a massa até a Praça Roosevelt. A igreja tinha que voltar para a igreja. Era domingo e domingo é dia de culto.



Figura 10

Fonte: ALS

- 31 Circularidade de contextos: Dayanne, outra drag da ICM, ganhou a capa da Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Parada de 2015. Mais tarde, a foto do jornal usada em um meme pela igreja do Paraná. Foto original: FSP.

NOTAS

1. Referência a reportagem divulgada no Portal G1. Neste mesmo texto, lembra o autor oculto do texto, deputados de 10 partidos, no último dia 18 do mesmo mês do evento, fecharam acordo e apresentaram projeto para abolir o direito de transexuais e travestis a usar nome social nos órgãos públicos do Governo Federal, direito conquistado durante os estertores do governo da presidente Dilma Rousseff, em abril. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/parada-do-orgulho-lgbt-em-sp-vai-reunir-17-trios-eletricos-neste-domingo.html>. Acesso em 29 de agosto 2016.
2. Chamados de 'pai e papai', casal gay divide carinho dos filhos em Poá, reportagem assinada por Jamile Santana. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2016/08/chamados-de-pai-e-papai-casal-gay-divide-carinho-dos-filhos-em-poa.html>. Acesso em 13/10/16.
3. Cristiano Valério destaca que essa ênfase pastoral foi o reflexo da própria dinâmica comunitária: nessa época, a igreja pôde acompanhar todo o processo transicional de duas importantes lideranças da igreja, que se tornaram mulheres trans. Junto a elas, hoje somam-se outras mulheres trans e uma crossdressers entre os membros da comunidade de São Paulo. Elas não estiveram presentes na parada.

AUTOR

ARAMIS LUIS SILVA

Pós-doutorando pelo Programa de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), colaborador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e do Núcleo de Estudos de política, esfera pública e religião (NUPRE/USP)